

A EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL EM VOGA: UMA ETNOGRAFIA NA ONG GTP+

Thiago Henrique de Almeida Carvalho ¹

RESUMO

O presente trabalho busca refletir as experiências do estágio docência, na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Ciências Sociais IV, no ano de 2018, na Universidade Federal de Pernambuco. O intuito foi propor a experiência docente, focando na formação de professor e no ensino da Sociologia. A experiência se deu na ONG GTP+: Grupo de Trabalhos em Prevenção Positivo, localizada no bairro da Boa Vista, Recife/PE. A instituição é conhecida por trabalhar com a comunidade LGBTQIA+, portadora do vírus HIV e AIDS. Tendo em vista isso, foi através dessa experiência que busquei questionar o sistema educacional, sobre o qual grande parte das escolas normatizam os papéis de gênero e sexuais, proporcionando a exclusão e desigualdade das formas que divergem da heterossexual. Assim, ao sobressair desse espaço hipervalorativo heterossexual, trouxe outra forma de construir e de trocar conhecimento. Consiste em uma forma que não segrega, que apoia a diversidade, que dar voz ao oprimido, que não marginaliza e que acredita nos outros espaços como fonte de aprendizagem. Aliado a isso, utilizei o método etnográfico, pois permite ver a prática docente com outros olhos, e a pesquisa bibliográfica, na qual se deu através da seleção de determinados artigos/livros em relação a tal temática (GIL, 2008): os aportes teóricos de Judith Butler (2017) sobre “Heterossexualidade compulsória” e das reflexões sobre contexto escolar, gênero e sexualidade da pedagoga Guacira Louro (2013/2017).

Palavras-chave: Estágio docência, Experiência, GTP+, Sistema educacional, Exclusão.

INTRODUÇÃO

O referente trabalho é fruto de uma experiência de docência, na disciplina “Estágio Curricular Supervisionado em Ciências Sociais IV”, no ano de 2018, como cadeira ofertada pelo Centro de Educação, na Universidade Federal de Pernambuco, tendo como orientador o docente substituto Marcelo Ferreira. A disciplina teve como objetivo propor a experiência docente, focando na formação do professor/educador e no ensino da Sociologia. Diferentemente dos estágios anteriores em que participei, que foram realizados em uma escola periférica no Bairro Cidade Tabajara, Olinda/PE – Escola Estadual Tabajara –, esse último estágio teve como função sobressair do ambiente escolar, propondo, inicialmente, a realização de oficinas em ONGs ou espaços voltados à inclusão social, que visam atender pessoas cujas necessidades básicas não são atendidas.

Dessa forma, tendo em vista a preferência de realizar o estágio em organizações não governamentais, propus realizar um levante de instituições que estão mais próximo da minha

¹ Graduado em Ciências Sociais Licenciatura pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestrando do Programa da Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, bolsista de produtividade CAPES. E-mail: carvalhothiago.1994@gmail.com

realidade e vivência. A ONG atendida foi a GTP+, Grupo de Trabalhos em Prevenção Positivo. Essa ONG trabalha com a comunidade LGBTQIA+ portadora do vírus da HIV e AIDS, principalmente com a parcela dessa comunidade que é mais marginalizada: as travestis e transexuais. Sendo assim, a escolha se deu diante das indagações sobre o papel das políticas públicas em relação a esses públicos, as desigualdades, as vulnerabilidades e a exclusão enfrentadas por esses, por exemplo, na escola, mercado de trabalho etc. Dito isso, cabe destacar que a realização desta experiência em um espaço que sobressaia o âmbito escolar, proporcionou-me excelentes experiências com a diversidade, outra visão de mundo, capaz de não limitar (refiro-me à Escola) a uma política-discursiva heterossexual, cuja heteronormatividade legitima a prática de considerar “normal” apenas a forma heterossexual de viver a sexualidade, invisibilizando e marginalizando sujeitos não-heterossexuais – “os desviantes” (CASTRO, 2014, p. 10/11 apud PASSOS e SILVA, 2012).

Levando em consideração esses aspectos, o objetivo desse trabalho é trazer à tona e refletir minha experiência fora do âmbito escolar e fazendo, por assim, dar vozes aos sujeitos que não se encaixam no padrão hegemônico heterossexual, elucidando suas vivências. Trata-se de fazer circular uma troca de conhecimento, cuja pretensão se faz por se situar também fora do espaço físico universitário. Nesse processo, foi utilizada a pesquisa qualitativa, sendo mais exato, a observação sistemática em campo, uma vez essa que ajuda na articulação dos fatos com as teorias e no desvendamento das contradições entre normas/regras e as práticas vivenciadas cotidianamente pelos grupos e indivíduos na sociedade (MINAYO, 2009). O método etnográfico, baseado no suporte antropológico, também foi essencial, pois me permitiu nos ver a prática docente com outros olhos, acessando coisas sobre as quais não poderíamos acessar, uma vez que com a vivência, espaços seriam preenchidos e alcançados. Aliado a isso, utilizei também a pesquisa bibliográfica, na qual se deu através da seleção de determinados artigos e livros em relação a tal temática (GIL, 2008), isto é, através dos conceitos-chave de “Heterossexualidade compulsória” da filósofa Judith Butler (2017) e das reflexões sobre contexto escolar, gênero e sexualidade da pedagoga Guacira Louro (2013/2017).

A ONG GTP+: UMA BREVE DESCRIÇÃO

A referente etnografia se iniciou no dia 08 de Maio 2018, às 14:30, tendo configurado questões explanatórias da ONG mais suas questões estruturais, como sua rede de funcionamento e as

relações que se desenvolveram no contato com as vivências no espaço. A imersão nessa instituição me possibilitou pensar em outros ambientes que refletem outras realidades sociais, sobressaindo do espaço escolar, na qual estamos habituados a pensar como único local de construção de conhecimentos. Cabe portanto, exercer o olhar antropológico nessas práticas de observação, levando em consideração o olhar do pesquisador, como também o seu estranhamento em campo:

No caso descrito aqui, o “familiar” está representado pela minha condição de docente e a presumida familiaridade com a cultura escolar que (para o bem ou para o mal) tem potencial incidência na construção dos objetos de pesquisa no campo da educação, em especial no desenvolvimento de etnografias escolares. Quanto ao “exótico”, ele estará aqui representado pela minha condição de pesquisador que se aproxima do campo teórico da Antropologia na tentativa de entender o significado que os antropólogos dão ao fazer etnográfico, compreensão fundamental para a realização de uma etnografia escolar que supere as limitações do seu uso como apenas um método de pesquisa. (DaMATTA, 1975 apud BERNADETE & ORGS, 2017, p. 55-56)

Então, assim como Geertz (1977) apud Bernadete (2017), tornou-se necessário realizar uma descrição minuciosa, na qual mobilizasse todos os meus sentidos, para que, assim, despertassem estranhamentos. Assim como Bernadete (2017), as primeiras inserções no campo podem ser consideradas angustiantes visto que não se sabe ao certo para onde dirigir o nosso olhar, pois o ambiente escolar encontra-se tão naturalizado que simplesmente o professor/etnógrafo não consegue estranhá-lo. Reformulando a referida citação indireta, faz por necessário refletir um espaço educacional que trabalha com soropositivos e um local voltado as pessoas LGBTQIA+.

Antes de começar a relatar as experiências vividas na ONG GTP+, torna-se necessário trazer um pouco as características dessa instituição, tais como: sua localização, história, objetivos, projetos realizados, etc.

O Grupo de Trabalhos em Prevenção Positivo (GTP+) é uma instituição sem fins lucrativos, localizada na Av. Manoel Borba, 545, no bairro da Boa Vista, Recife/PE. Fundado nos anos 2000, o GTP+ tem como objetivo criar um espaço onde as pessoas que vivem com o vírus do HIV e da AIDS pudessem se encontrar e se sentir amparadas socialmente e, a partir disso, criar um sentimento de identificação e pertença ao grupo. Dito isso, desde o início dos anos 2000, seus projetos giram em torno de trabalhos voltados à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, contribuindo para o enfrentamento do HIV e da AIDS, bem como para o ativismo e educação de direitos humanos e cidadania das pessoas soropositivas e da população LGBTQIA+, tendo em vista que esses grupos sofrem violências simbólicas e físicas diariamente na sociedade brasileira.

Adentrando-se um pouco na experiência, no dia 08 de Maio, fui para a instituição para realizar a primeira visita observativa. Como já citado, a ONG se localiza no bairro da Boa

Vista, localizando-se próximo ao Hospital Altino Ventura. Logo na entrada da instituição, pude perceber a receptividade das pessoas. Ao entrar, tinha um senhor que ficou, neste dia, responsável por tomar conta do Brechó. Perguntei como teria acesso a ONG e ele pediu para subir a escada. Ao subir, pude notar um pouco a situação ao qual a instituição passava, as escadas de madeira não estavam tão fixas e com defeitos. Chegando ao primeiro andar, encontrei uma moça chamada Michelle, que se considera travesti. Ela cuidou de chamar Wladimir Reis, diretor da ONG. O respectivo senhor foi muito atencioso e teve todo aquele momento de recepção e apresentação. Desde o início, ele se mostrou muito caloroso com a minha presença, contando as situações que a ONG vinha passando.

Em entrevista realizada com o diretor da ONG, Wladimir Reis explicou um pouco sobre um dos projetos que foram desenvolvidos na instituição, como o projeto Mercadores de Ilusões voltado aos profissionais do sexo, que buscava fortalecer a autoestima, cidadania, empoderamento e postura de protagonismo social. Tudo isso era trabalhado por meio de oficinas de qualificação direcionadas à prevenção de DSTs, HIV e AIDS. O projeto Mercadores visava promover discussões latentes a respeito do enfrentamento dos desafios e vulnerabilidade social e educacional dos profissionais. Dentre essas informações, também comenta o diretor da instituição:

A partir de nossas oficinas, criamos o sentimento de conscientização desses profissionais, para pleitear espaços na sociedade, assim como a postura autônoma em relação a vizinhança, aos clientes, ao uso de preservativos e a administração da renda. A atividade desempenhada pelo profissional do sexo surge, muitas vezes, como forma de sobrevivência financeira, porém pode acarretar em um conjunto de vulnerabilidades como as doenças sexualmente transmissíveis, violência urbana e lgbtfobia.

Foi possível ver, tanto através do discurso de Wladimir Reis, tanto das minhas próprias conclusões, que a ONG estava, e ainda está, passando por um momento difícil, sem condições até de pagar o aluguel e a energia. Ele falou que antes, a ONG contava com um restaurante, onde se conseguia, através disso, arrecadar dinheiro, porém, por questões financeiras, isso não funciona mais. Além do mais, todos os projetos já desenvolvidos por eles estão parados e esperando o aval do Estado de Pernambuco. Desta forma, eles estão contando com a ajuda de alguns colaboradores, com doações e com um bazar no qual eles conseguem angariar fundos para pelos menos ter o básico na instituição, que é alimentar algumas pessoas por não terem o que comer e aonde comer.

Depois da longa conversa de acolhimento, ele me levou para conhecer a instituição internamente: a sala de “iniciação”, onde as pessoas os procuram para dar início a todos os procedimentos, ele falou que geralmente as pessoas chegam lá para pedir auxílio, como

também solicitar a feitura de exame para saber se tem HIV/AIDS; posteriormente, ele me levou para a sala da coordenação, onde possuía três subdivisões: a sala do diretor, a sala dos demais membros e outra que funcionava para a prestação de serviços sociais. O diretor me alertou que infelizmente, a instituição não tá oferecendo esses serviços e que espera que logo volte a funcionar. Por fim, ele mostrou a cozinha da ONG, onde geralmente fica a Michelle, ele falou que ela fica lá, quase todos os dias. Em uma conversa formal, ela me contou o seguinte:

Me sinto prazerosa por estar na instituição, mas que infelizmente não posso está todo dia, pois não tenho dinheiro para passagem. Quando eles têm dinheiro para passagem, eu venho pra cá. Amo quando venho, me sinto bem. É minha segunda casa: eu cozinho, eu ajudo na limpeza, eu fico tão bem mesmo. Queria muito que a nossa situação estivesse muito melhor, estamos passando por uma fase péssima. Conheço a ONG faz muito tempo, venho aqui direto.

Wlademir Reis falou que ela não estar em suas melhores condições, ela sofre de problemas psicológicos e que já faz aproximadamente dez anos que estão tentando aposentar ela. Além disso, afirma:

Eles alegam que a doença ta controlada, que ela ta bem, mas vejamos o dia a dia dela, ela já tentou se matar, não pode ficar sozinha, veja você a situação dela? Você acha que ela está no seu juízo perfeito? Estamos com um advogado e ele estar com esperança que iremos ganhar. Ela merece a aposentadoria e não tem condições de trabalho. Ela nos ajuda aqui, mas ela cai no choro, se desespera.

Nota-se o quão esse público-alvo é esquecido e que a instituição ainda luta para suprir a carência governamental. Diante de tudo o que foi relatado, foram realizadas duas oficinas, mesmo que essas propostas de intervenções fossem mínimas diante da ampla gama de problemas que atinge a instituição, tendo como finalidade promover uma maior conscientização dos problemas que os afligem, como por exemplo, a reivindicação dos seus direitos como cidadãos, a fim de que possam ocupar os espaços que possuem direitos para se manifestarem, promovendo a cidadania entre esse grupo pelos movimentos sociais ou populares.

Nesse sentido, pensar uma educação que venha na direção oposta a essa ideologia excludente escolar, que atenda às necessidades da população excluída dos direitos básicos da existência humana e dos princípios da formação de sujeitos críticos – conscientes e construtores de sua história, uma educação direcionada e construída para atender as necessidades do povo, a partir de suas realidades. (MACIEL, KAREN 2011, p. 328).

Paulo Freire (1987) trouxe importantes reflexões sobre os sujeitos postos à margem da sociedade, por entender que tais pessoas são detentoras de um saber que não é valorizado e que são excluídas do conhecimento historicamente acumulado pela sociedade. Isso nos mostra a relevância de se construir uma educação a partir do conhecimento do povo e com o povo, provocando uma releitura da realidade na ótica do oprimido, que ultrapasse as fronteiras das letras e que se constitua nas relações históricas e sociais. Desse modo, no próximo tópico,

desdobrarei minhas experiências a partir das duas oficinas realizadas: a primeira oficina foi sobre a construção de cartazes, para a 13ª edição do International Aids Candlelight Memorial, onde eles, a partir do senso crítico, buscaram reivindicar e mostrar seus descontentamentos, a segunda, em paralelo com essas idealizações, foi realizada um debate, no qual foram mostrados vídeos sobre como se vive com HIV/AIDS.

O PROJETO DE INTERVENÇÃO: A EXPERIÊNCIA VIVIDA ALÉM DO ESPAÇO ESCOLAR

O projeto de intervenção teve por ventura sobressair de espaços que reflitam a escola como uma instituição única de ensino, isto é, “dona onipotente” das relações de ensino e construções dos saberes. De acordo com Ana Cavaliere (2002), as novas discussões sobre o papel da escola e sua importância nas nossas vidas nos trazem uma variedade de questionamentos, dentre eles, o papel dessa instituição como um espaço capaz de moldar os indivíduos, ensinando ou normatizando, por exemplo, determinados papéis no que se concerne ao gênero e uma póstuma sexualidade heterossexual.

Dentro desse parâmetro, a autora citada acima nos dá um norte para que possamos romper como essa barreira focada e institucionalizada nos ambientes de aparatos educacionais legitimados pelo Estado. Com isso, é possibilitando e incentivado os diversos saberes, a humanização dos lugares que ultrapassem os laços escolares, sendo esses voltados aos processos populares, onde não necessariamente a escola participe desse processo de formação das pessoas, uma vez que a escola pode atuar, como afirma Louro (2017), na construção das diferenças, das distinções, agindo diretamente, através de seu mais diversos mecanismos, na legitimação de valores estruturais conhecidos em nossa sociedade, como, por exemplo, na disseminação da padronização do gênero masculino e feminino e na exclusão dos desviantes/abjetos. O termo “abjeção” “se refere ao espaço que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que consideram uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política” (MISKOLCI, 2017, p. 24).

“A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o lugar dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas”. (LOURO, 2017, p.62). Logo, sua importância para nossa sociedade, se dar para além da sua capacidade de encaminhar os jovens para o conhecimento científico e, conseqüentemente, direcionando-os para o mercado de trabalho,

para fins capitalistas, consiste também na realidade sobre qual Foucault (1987) apud Louro (2017) projeta e idealiza, sob a visão ótica da disciplina, que tem por obrigação fabricar corpos submissos, exercitados e dóceis.

(...) estabelecer as presenças e ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico. (FOUCAULT, 2014, p.123)

Dessa forma, a instituição escolar da qual eu realizei os estágios curriculares anteriores, como já falado, atua diretamente na formalização do binarismo de gênero, projetada sobre a guia da heterossexualidade compulsória e na exclusão das sexualidades que divergem do padrão hegemônico. Para mais, a sua grande função é de manter a “paz cívica”, a ordem social e o estabelecimento de uma classificação, segundo ao qual Foucault (2014) aponta a separação daqueles que são “bons” e “maus”, servindo a uma lógica de indivíduos educados e disciplinados, a fim de alcançar a regulação do corpo dos indivíduos.

Logo, é interessante pensarmos espaços que possibilite esta fuga normativa, uma vez que grande parte das escolas:

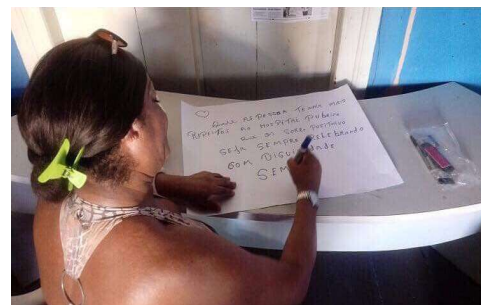
Através de seus currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processo de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. (LOURO, 2017, p. 68).

Assim, a questão chave deste trabalho é evidenciar o contato com outras realidades sociais, pois, levando em considerações minhas experiências no estágio docência, na Escola Tabajara, esse ambiente circundam viés político heterossexual, isto é, a prática de considerar “normal” apenas a forma heterossexual de viver a sexualidade, invisibilizando e marginalizando sujeitos não-heterossexuais- “os desviantes” (CASTRO, 2014, p. 10/11 apud PASSOS e SILVA, 2012), impulsionando regulamentações ideológicas que pregam a naturalidade e a normalidade da heterossexualidade compulsória (coerência do sexo, gênero e desejo), bem como a sua materialização nos corpos (BUTLER, 2017).

Dessa forma, foi através dos projetos de intervenções que foi possível estabelecer contato e diálogo com pessoas sobre qual nossa sociedade, bem como o Estado marginaliza, pois, além de serem portadores do vírus do HIV/AIDS, elas sofrem grandes sanções por serem divergente das normativas esperadas e disseminadas pelas instituições sociais (família, escola e etc). Logo, foi por intermédio do diálogo e da observação que pude, em paralelo com as duas oficinas (a construção de cartazes, visando a ação reivindicativa para a 13ª edição do International Aids Candlelight Memorial e a oficina de mostra de vídeos/curtas e debates

sobre como se viver com HIV/AIDS), perceber a importância de sobressair desse espaço escolar excludente e trazer o viver e as experiências de pessoas soropositivas, vivendo em áreas de vulnerabilidades e apresentando uma certa carência social, econômica e política.

A nossa primeira oficina foi realizada dia 18 de Maio, com 15 pessoas. Levamos todos os materiais: cartolinas, tintas e pilotos. Como já tinha sido previsto por Wladimir Reis, as pessoas que participariam do ato, já estariam na ONG, para um almoço, por isso eles nos pediu para chegar cedo. Antes mesmo de começarmos com a oficina, falamos da importância desse ato para a busca de direitos e reivindicações, por isso, pedimos que eles se atentassem a realidade do movimento e nas suas reivindicações, pois eles são atores sociais como qualquer outro, merecem respeito e, além de tudo, merecem ser, ainda mais, inseridos em nossa sociedade. Em seguida, espalhamos as cartolinas pela sala de palestra, para que pudessem ser feitos os devidos preenchimentos. Em paralelo a isso, Wladimir Reis, muito emocionado, contava para todos, que apesar de vivermos em uma era em que há informações sobre tudo e em todo lugar, os números de infectados pelo vírus HIV ainda assustam e a falta de debates só agrava esse cenário. Por isso, ficou feliz em ver tal oficina de conscientização e que se o Estado olhasse pra essas pessoas, talvez tivéssemos poder de prevenção. Seguem abaixo algumas fotos da realização das oficinas.



Fotos nº1 e nº2. *Momentos da realização da Primeira oficina dos cartazes para o 13º edição do International Aids Candlelight Memorial.* Fotos tiradas por Thiago Carvalho.

Conseqüentemente, vi as pessoas contagiosamente escrevendo, sendo uma das poucas vezes na minha vida que me senti útil para a sociedade, atuando ao lado das pessoas que se tornaram “invisíveis” e marginalizadas. “Ao certo”, o local que deveria desestabilizar essas ordens imperativas heterossexuais seria a escola, não atendendo a isso, o mínimo que deveria ser feito é refletir, nos espaços de inclusão social, o protagonismo social.

A Segunda oficina se realizou na quarta-feira, 13 de Junho. Se baseando na anterior, tentei incentivar as pessoas a buscar os seus direitos. Assim, passei alguns vídeos, chamados “Como é viver com HIV e AIDS?”, “Soropositivos falam sobre como viver com o vírus HIV” e

“Tenho HIV e agora?”, disponibilizados no YouTube². Neles se encontram elementos de luta por seus direitos, bem como um pouco de relatos das reações das pessoas ao descobrirem que são portadora do vírus HIV/AIDS e suas vivências posteriores ao descobrimento. Encontravam-se, na ONG, no dia da oficina, 20 pessoas, a maioria delas da comunidade LGBTQIA+ e profissionais do sexo. Wladimir Reis nos pediu para que eu trouxesse lanche, pois grandes partes deles não se alimentam direito, como também pediu que arcasse com as despesas das passagens, pois muitos não têm nem o que comer, imagine passagem: “queria muito poder ajudar você, mas não temos dinheiro, nossa situação não está boa”, disse o diretor.

Ao rolar os vídeos, via as pessoas empolgadas, quase todos se concentravam, menos Fernanda, ela se mostrava impaciente, balançava os pés, se movia na cadeira, levantava e mudava de lugar. Ao acabar o filme, fizemos uma roda para deixá-los mais confortáveis, para que o diálogo fluísse. Com isso, queria ouvir deles as indagações sobre os vídeos, escutar suas dúvidas, seus relatos e etc. Como alertado por Wladimir Reis, pouquíssimas pessoas se portaram a falar, a primeira falou como isso é importante para que busquem sempre seus direitos: “o governo tem que atender a gente, temos direito”. E continua: “Somos esquecidos, mas somos gente e temos os mesmos direitos que pessoas que tem boa saúde”, falou Paula. Outra a falar foi Rose, travesti, se prostitui pela noite, ela me fala que não teve tempo de estudar, e, quando estudava, em 2007, as pessoas a chamavam de bicha, “traveco”, que aquele não era o seu lugar. Ela afirmou: “mesmo se fosse, não poderia continuar, tinha uma vida, meus pais me colocaram pra fora, tinha que escolher entre trabalhar e estudar, minha escola é na rua, na briga com as bichas, é babado”. A seguir, encontram-se algumas fotos da oficina.



Fotos nº3 e nº4. Momentos da realização da Segunda oficina da mostra de vídeos e debates. Fotos tiradas por Thiago Carvalho.

2 <https://www.youtube.com/watch?v=pWfAEZqFIAw;v=15DG4QelzhA&feature=share> e https://www.youtube.com/watch?v=A_88kdUXNzk&feature=share

Assim, essas propostas de intervenções foram mínimas, mas frutíferas para pensar outra realidade, aquela que não exclui as pessoas ditas “abjetas”. Esse lugar proporcionou, e proporciona, o acolhimento para pessoas da comunidade LGBTQIA+, sentimo-nos totalmente a vontade. Um espaço que acolhe a diversidade que, diferentemente da escola, não se preocupou em direcionar os ensinamentos estruturais da sociedade. Este ambiente me proporcionou a abertura e o diálogo com as outras vivências, mostrando-me um ambiente mais acolhedor e alegre.

Dessa forma, promover a reflexão e a cidadania para esse grupo foi extremamente importante para dar vozes aos sujeitos que não se encaixam no padrão hegemônico heterossexual. Para mais, as oficinas possibilitaram o diálogo e a interação entre mim e os membros, além de estimular a relação do grupo com o papel de cidadania e na busca de seus direitos. Para isso, com bases nas autoras Butler (2017) e Louro (2017), minhas propostas de intervenções visaram desestabilizar a imagem que circunda a escola como única fonte de saber. De acordo com Carvalho&Araújo (2018) apud Louro (2013), a escola não é nada mais que um lugar privilegiado, tendo por via instruir crianças e jovens para o binarismo sexual e de gênero, bem como os preparando moral e fisicamente, para a disciplinação e docilização corporal. Foi pertinente refletir sobre isso, uma vez que essas pessoas refletiram sobre seu lugar na sociedade, trazendo suas vivências e realidades. Atrelado a isso, pude estabelecer, mediante os aportes teóricos das autoras, Louro (2013) e Butler (2017), que não é só a escola que consiste em reprimir e excluir as outras formas de viver as sexualidades e o gênero, mas também outras instituições e espaços, pois é, no dia a dia, por exemplo, que essas pessoas são violentadas, sofrem preconceitos, são excluídas do mercado de trabalho, das escolas e etc. Mediante a isso, o único espaço, que sobrava para elas, era a prostituição e o tráfico de drogas (cabe salientar que isso se refere a um recorte de raça e classe).

Desse modo, o arcabouço teórico de Louro (2013/2017) sobre a escola enquanto um lugar que ajuda a instaurar as padronizações e ações dos indivíduos, direcionando-os para um postulado legítimo de masculinidade e feminilidade heterossexual, foi muito importante para mostrar que, por mais que grandes partes das escolas excluam aqueles que não se fundem nessa forma, disseminando desigualdades de gênero/sexualidade, devemos, por exemplo, buscar sempre o diálogo, seja em outros espaços, seja neste mesmo espaço assimétrico, pois como afirma Freire (1980), o dialogo é fundamental para construir empatia e a compreensão e um mundo mais humano.

Para desestabilizar esse sistema, que visa patologizar a comunidade LGBTQIA+ e as pessoas portadoras do HIV/AIDS, devemos insistir e buscar a todo tempo nossos direitos, reivindicar, cobrar das autoridades as suas melhoras, é preciso saber de seu papel, exercer sua cidadania. O medo axiológico das estruturas compulsórias da heterossexualidade, que segundo Butler (2017) é um sistema que determina o gênero, que, por conseguinte, condiciona a um determinado tipo de desejo, a heterossexualidade, visa afastar das práticas, que já se encontram estabilizadas, o desmembramento, pois acontecendo a derrocada deste sistema hegemônico, acarretará uma consequente perda econômica e social dos fatores que são regularmente historicizados como “dado e natural”. Por isso, o medo do diferente, do que ele pode causar nas estruturas da nossa sociedade. Sob essa lógica e diante dos auxílios das autoras, busquei conduzir nossos debates não em uma tradução acadêmica, mas procurando construir artefatos que dialoguem com as suas realidades e dos locais de onde eles vieram, uma vez que não é essencial apresentar, por exemplo, que a heterossexualidade compulsória busca a coerência entre sexo/gênero/desejo (BUTLER, 2017), mas apresentar uma realidade pautada em seus ensinamentos e suas visões de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, a promoção de oficinas promoveu uma auto-renovação entre os indivíduos da ONG GTP+, bem como proporcionou a esses atores sociais um protagonismo de luta pelas suas ações e seus direitos. Além do mais, essas experiências promoveram um olhar mais humano, diferente do olhar da escola, cujas experiências foram cercadas de normatizações de gênero e sexualidade.

Sair do espaço escolar, onde quase todo possuem vieses e perfis imperativos heterossexuais, possibilitou um novo horizonte: necessitamos aprender com os sujeitos marginalizados, uma vez que a produção e construção do conhecimento e o aprender não se restringi a uma instituição escolar.

Por via, destacado que o ensinar deve ser revisto. Ser professor envolve uma porção de saberes, envolve ter didática, estratégias de ensino é ser consciente de seu papel de facilitador e transformador de realidade. Assim, ser professor envolve mais que dar aula, é se preparar, é entender o aluno, é ser prático e entender a realidade social de cada indivíduo, é pensar no ensino fora do espaço escolar, é atender “a multidão”: o gay, a lésbica, a/o transexual, a travesti, o/a não binário, o/a bissexual, é respeitar e atender a diversidade, é não normatizar

papéis sociais e regras, é ensinar que todos são iguais. Não basta lecionar, é preciso repensar suas práticas e ser pesquisador de seus atos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESERRA, Bernadete & orgs et al. **Experimentações Etnográficas em Antropologia da Educação**. PortoAlegre, RS: Editora FI, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 15ª ed, 2017.

CARVALHO, Thiago H. A. e ARAÚJO, David F. Gênero e Sexualidade: o contato com o “outro” no espaço escolar. **Revista semana pedagógica**. V. 1, n. 1 (2018), Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação.

CASTRO, Taís. Heteronormatividade e Outros Marcadores Sociais no Jornalismo: Uma Análise das Revistas Claudia e TPM. (**Trabalho de Conclusão de Curso ao departamento de Comunicação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul**), 2014.

CAVALIERE, Ana. **Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira?** Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 247-270, dez. 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: vozes, 42ª ed, 2014.

FREIRE, Paulo. **Conscientização. Teoria e prática da libertação**. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas AS, 6ª ed., 2008.

LOURO, Guacira. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: vozes, 9ª ed, 2013.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MACIEL, Karen. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educação em Perspectiva, Viçosa**, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.

MINAYO, Maria Cecília S.. “*Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta*”. In DESLANDES, Suely F., GOMES, Romeu e MINAYO, Maria C. S., **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: autêntica editora: UFOP Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.